

**XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**  
28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ)  
Grupo de Trabalho: GT02 – Cidadania e Reconhecimento

**Cidadão de lugar nenhum: leituras de identidade e cidadania na atual  
imigração brasileira na Itália**

Prof. Dr. Luís Fernando Beneduzi  
Alma Mater Studiorum Univeristà di Bologna

A experiência imigratória tem produzido importantes mudanças na Itália contemporânea, contribuindo à elaboração de imagens sempre renovadas sobre os recém-chegados. Historicamente, a Península Itálica se caracterizou como terra de emigração – seja em um período que antecede o século XIX, com a partida de letrados, arquitetos, engenheiros, seja naquele da emigração de massa, sobretudo a partir da crise dos anos 70 do Oitocentos. A realidade que se apresenta desde os inícios da década de 1990 constitui-se em uma vivência nova para o habitante da península, pois, acostumado a enviar nacionais para o exterior, o país depara-se com um forte fluxo que provém do estrangeiro, em um movimento sempre mais numeroso de chegada de imigrantes.

As imagens que inundam as casas através dos meios de comunicação – e a televisão se constitui o mais envolvente deles – produzem uma representação da invasão do estrangeiro e criam uma sensação de desconforto diante do outro, do diferente. O governo atual endossa essa percepção negativa do imigrante, como germe de conflito e destruição, transformando-se em notícia nos jornais internacionais por causa de uma normativa extremamente dura e autoritária, a qual se concretiza em barcos de imigrantes africanos sendo abordados no Mediterrâneo e sendo reconduzidos à Líbia, para campos de refugiados. Toda essa situação dá margem a um pioramento na concepção – já por si só preconceituosa – da figura do “extra-comunitário”, conceito intrinsecamente ideologizado, visto como aquele que vem para roubar, assaltar e matar; o imigrante vive um constante processo declarado ou tácito de discriminação.

Um continuum de desumanização do outro pode ser percebido inclusive nas estruturas responsáveis pela legalização da população de imigrantes residentes na Itália. Um exemplo é a “Questura” – espécie de chefatura de polícia responsável pela concessão do “permesso di soggiorno”<sup>1</sup> – na frente da qual esses estrangeiros se digladiam para obter uma senha e dar entrada com a documentação, criando uma imagem animalésca e selvagem do outro. Essa realidade envolve especificamente os imigrantes provenientes do chamado “terceiro mundo”, sendo em sua grande maioria habitantes do norte da África, embora esteja crescendo muito o número de latino-americanos que buscam, na Itália, a terra da *cuccagna*. Hoje, vive-se um agravamento deste “medo do outro”, visto a situação de crise econômica, com o conseqüente aumento

<sup>1</sup>Documento que regulariza a permanência do imigrante no território nacional italiano, traduzindo o termo em-se “permissão de permanência”.

do desemprego e da sensação de insegurança; cada vez mais este bárbaro que desembarca na costa do país – e essa imagem vem sendo construída desde os primeiros desembarques de albaneses, nos anos 80' – vai se delineando enquanto representação de um perigo latente no interior da sociedade.

Procurando analisar semanticamente o termo “extra-comunitário” – que poderia produzir, em um primeiro momento, um conceito relacionado a elementos de diferenciação e distinção geográfica, definindo aqueles que provêm de Estados localizados fora dos limites da União Européia – apresenta um elevado grau de preconceito, considerando que os norte-americanos, canadenses ou australianos não são percebidos como “extra-comunitários”, mas como estrangeiros e vivem um processo “especial” para a aquisição do “permesso di soggiorno”. Além dessa questão prático-burocrática, a fala cotidiana permite uma compreensão mais profunda desta dúplici representação da alteridade, pois se refere ao “extra-comunitário” tudo aquilo que se apresenta enquanto elemento destruidor da normalidade e da tranqüilidade social (por seus costumes, por suas ações, por seu modo de ser, por seus crimes) – não deixando de representar uma área geográfica, aquela que não pertence aos países industrializados. Por outro lado, o estrangeiro é o parceiro comercial, o consumidor – turista ou não – que contribui para o crescimento do país, sendo proveniente dos países industrializados. Nesse sentido, enquanto o japonês é o estrangeiro (turista), o chinês é o extra-comunitário (imigrante), vivendo ambos um processo de estereotipagem.

Diferentemente da situação histórica italiana, o Brasil produziu – ao longo do século XIX e até meados do século XX – interna e externamente uma representação imagética de terra de imigração, na qual encontraram a fortuna tanto imigrantes europeus quanto asiáticos. O final do século XX traz consigo uma alteração também no movimento humano desde o Brasil e para o Brasil, com um progressivo aumento das partidas, ou seja, da emigração de brasileiros para o exterior. Nesse sentido, tem-se observado um aumento importante no fluxo de saída de nacionais do Brasil para os Estados Unidos, o Japão ou a Europa. De acordo com as estatísticas apresentadas pelo Ministério das Relações Exteriores, em julho de 2008, estima-se que até 3.735.826 (três milhões, setecentos e trinta e cinco mil, oitocentos e vinte e seis) brasileiros vivam no exterior – apresentando uma comunidade em constante crescimento. Deste total, os lugares de predileção para a emigração são a América do Norte (até 1.528.307) e a Europa (até 1.010.330), representando aproximadamente 70% do total da concentração de

compatriotas fora do Brasil (<http://www.abe.mre.gov.br/avisos/brasileiros-no-mundo>). Sempre com base nos dados do MRE, a Itália se configura, quando pensando em população estimada (relativo a menor estimativa), no país com a segunda maior quantidade de brasileiros no continente europeu.

Essa nova condição do Brasil – como país exportador de pessoas – adquiriu grande importância nos últimos anos, no cenário nacional, tendo sido criada, inclusive, a Subsecretaria Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores, a qual organizou, em julho de 2008, o primeira Conferência das Comunidades Brasileiras no Exterior. Nesse encontro, o qual objetivava mapear as comunidades brasileiras existentes nos cinco continentes, foi discutido o próprio fenômeno migratório, com a participação de pesquisadores que se dedicam a temática, tendo como uma das palavras-chave foi “diáspora”. A conferência apresentava como fulcro central a promoção de um amplo debate acerca da dispersão da população brasileira pelo globo:

Trata-se de evento inédito que reunirá, pela primeira vez, centenas de representantes das principais comunidades brasileiras nos EUA, na América do Sul, na Europa Ocidental, no Japão, na Austrália, na África e no Oriente Médio, com a finalidade de debater assuntos do interesse da diáspora brasileira. (<http://www.abe.mre.gov.br/mundo/america-do-sul/republica-federativa-do-brasil/subsecretaria-geral-das-comunidades-brasileiras-no-exterior/informacoes/i-seminario-sobre-as-comunidades-brasileiras-no-exterior>)

No entanto, as motivações do encontro não se caracterizavam apenas pelo debate acadêmico e teórico, pelo contrário, havia uma proposta muito forte pela construção de uma pauta de recomendações e reivindicações que se constituísse em sinalizador para as políticas públicas. Como propósito declarado, a conferência deveria consistir em um primeiro passo no sentido de criar uma colaboração mútua mais estreita que permitisse o fortalecimento de um elo humano na política externa brasileira. A questão central a ser discutida neste artigo não está vinculada ao êxito destas ações do poder público, nem tampouco à efetiva transformação desta vontade declarada em políticas reais de atuação do Estado. O que se busca destacar, por outro lado, é a importância que este fluxo internacional de pessoas tem despertado tanto nos novos Estados receptores quanto naqueles de emigração e como o imigrante/emigrante tem ocupado sempre maior espaço e adquirido maior visibilidade.

Dentro deste amplo contexto internacional de movimentação de pessoas, o presente artigo busca discutir – a partir de um estudo de caso, no qual se analisa um

percurso específico de imigração – a experiência de contato com a terra de chegada. Entende-se que desde o momento da partida, segundo Hall (2003), inicia um processo de defasagem com relação à terra de nascimento, pois o emigrante começa a provar um contínuo estranhamento relativo às coisas que até pouco tempo eram parte da normalidade. Ao mesmo tempo, a chegada na nova terra não traz consigo uma adaptação imediata, nem tampouco a consciência da “chegada”, pois em inúmeras experiências imigratórias, a permanência definitiva e o discernimento dessa nova realidade são conseqüência da própria evolução das diferentes vivências imigratórias. Nesse entre-lugar, não mais parte de uma coletividade que se vincula à terra de nascimento e não ainda completamente integrado (se é possível pensar em uma completa integração) à sociedade que o acolhe, o imigrante vive em uma realidade de não-pertencimento, visto que participante de um processo de hibridação e “diasporização”.

O deslocamento da imigração pode ser percebido para além do fenômeno físico, ou seja, sair de um Estado-nação e dirigir-se para um outro, pois traz consigo, também, um rito de passagem, produz um lugar de transformação. A viagem, historicamente, apresenta essa característica de espaço de reelaboração, crescimento, aquisição de conhecimento, a própria idéia de travessia faz referência à passagem, a qual se configura enquanto emblema por excelência naquela do Mar Vermelho. Se a imigração não pode ser considerada em todos os casos uma nova páscoa, ela pode com certeza ser compreendida como abandono de uma situação considerada desagradável, em busca de uma melhor qualidade e expectativa de vida. De uma certa maneira, com atribuições diferentes, os homens e mulheres na contemporaneidade continuam buscando a terra prometida, a qual tem mudado de feição, tem se acrescido de novas características e deixado de lado outras menos adequadas ao mundo hodierno, mas aquele lugar encantado “onde corre leite e mel” está sempre presente no imaginário do imigrante.

De qualquer maneira, como explica Leed (1992), a percepção da chegada – do término desse processo de transformação, como a tomada de consciência de que o deslocamento é definitivo e de que a viagem/travessia chegou ao fim – adentra no âmbito da subjetividade. Não é o fato de atingir o termo de uma trajetória ou de um percurso que produz automaticamente a noção de conclusão do atravessamento, pois esse entendimento está vinculado a uma percepção da impossibilidade do retorno e a uma

dinâmica de dissociação com as ligações relacionadas com a terra de partida. Efetivamente, a perda e o luto estão presentes na mente do imigrante/viajante desde o início do deslocamento, ou seja, desde a partida, pois já em seu começo a viagem apresenta características de desvinculação, visto que o indivíduo acaba experimentando o despimento de sua identidade civil:

Trata-se sempre de uma separação que exige que o indivíduo deixe para trás muito daquilo que antes tinha definido como sua identidade civil. Deve despir-se do eu até os seus elementos móveis e provar o desconhecido [...] Mas esta eliminação das relações e dos paramentos que qualificam a identidade civil é com freqüência muito penosa: dá lugar a protestos, dor e luto. A partida é um tipo de sofrimento humano. (Leed, 1992, p. 22)

No entanto, o sofrimento não é uma peculiaridade da partida, mas se agudiza no período entendido como trânsito – o qual, assim como aquele da chegada, como dito anteriormente, não está diretamente vinculado à um movimento físico. A travessia – o fenômeno da viagem propriamente dita – é marcada pela reflexão, pelo contato com o outro, pelo estranhamento, pela busca de um auto-conhecimento, sendo ainda e como conseqüência, um lugar de desequilíbrio e de mal-estar. A conjuntura que se apresenta ao término do itinerário de imigração é caracterizada por um reencontro com a harmonia entre o indivíduo e a realidade na qual ele se insere, em um processo revelador de novas identidades e construtor de novos “eus”:

O último termo da viagem, a chegada, constitui-se em uma tentativa de fundar uma união e uma coesão novas entre o sujeito e o contexto que tem características epistemológicas específicas, comporta uma intensa concentração em “objetos”, superfícies e dados materiais. (Leed, 1992, p. 36)

Poder-se-ia afirmar, e o presente trabalho buscará mais adiante enfatizar esse processo, que o findar da viagem imigratória coincide com a elaboração de novas formas de sensibilidade e sociabilidade, tanto no que tange às experiências anteriores quanto no que se relaciona com aquelas do presente. Nesse sentido, são produzidas novas concepções de pertencimento e de identificação com a cultura da terra de partida e da terra de chegada, levando o imigrante a construir diferentes estratégias que nortearão suas relações com os “nacionais” da sociedade que o acolhe e novas representações sobre si e sobre a nova realidade que o circunda.

Certamente essa nova identidade que marca o imigrante não é uma produção de senso único, pois é forjada em um processo de relação no qual – a partir do ponto de vista – a comunidade de recepção ou o estrangeiro são o outro. Todavia, no

âmbito da nova pólis, dá-se essa relação intersubjetiva que caracteriza, segundo Honneth (2003), a categoria de *reconhecimento*, entendendo a dinâmica de elaboração de identidades em uma perspectiva de um reconhecimento mútuo. Se levarmos em conta a acepção que o dicionário Houaiss oferece sobre o termo “pólis”, definindo-o, também, como uma “sociedade ou estado, especialmente quando caracterizado por um senso de comunidade”, o processo de identificação intersubjetivo ocorre no interior da comunidade.

Dessa forma, quando se fala em cidadão, tem-se em mente esse habitante da pólis, aquele que vive em uma determinada comunidade, interrelacionando-se com ela, em um processo entrecruzado de identificação e reconhecimento. Não é a preocupação deste artigo, percorrendo a história de vida e o percurso imigratório de uma mulher gaúcha que hoje vive na Itália, discutir questões que se referem à cidadania política ou aos direitos civis e constitucionais com relação ao Estado. Diferentemente, o objeto central de análise envolve a sensibilidade e a subjetividade do sentir-se parte integrante da comunidade e como isso se constitui como experiência necessária na caminhada do imigrante. Ao mesmo tempo, destaca-se que esse processo produz um duplo esvaziamento, na medida em que o “outro” – despindo-se de seu “eu” precedente – encontra-se em uma impossibilidade de vestir integralmente a roupagem da sociedade de acolhida.

Antes de dar início a análise específica da trajetória deste “cidadão de lugar nenhum”, é necessário fazer algumas observações a respeito da validade de um estudo que se pauta em um única experiência de vida, mesmo que o conjunto da pesquisa envolva um leque mais amplo de entrevistados. Para tal fim, é importante considerar alguns aspectos teórico-metodológicos da microhistória, sobretudo as leituras que Carlo Ginzburg e Giovanni Levi fazem da experiência individual enquanto modalidade privilegiada para compreender determinadas especificidades e representações da coletividade.

De fato, não se advoga a elaboração de uma narrativa marcada pelo particular, mas por um jogo de escalas que permite a interação entre o macro e o micro, entre a vivência sensível do indivíduo, a rede de relações que se anovelam entorno a ele e o contexto social no qual ele se insere. Esse movimento de afastamento-aproximação abre a possibilidade de perceber o próximo, engrandecer a análise com o distanciamento, e re-observar o objeto, apreciando novas facetas suas em um retorno ao microcontexto.

Com isso, propõe-se “uma história que, pela redução de escalas, conseguia ‘ler’ melhor o real, indo além da suposta literalidade das coisas” (Pesavento, 2000, p. 213).

Não se está buscando nessa imigrante gaúcha a produção de uma imagem representativa da imigração brasileira na Itália, enquanto microcosmo do social. Pelo contrário, se entende, seguindo Ginzburg (1987), que – assim como Menocchio – essa sul-riograndense, mesmo em sua singularidade, pode dar a conhecer elementos que marcam a experiência coletiva e a cultura de uma coletividade:

Menocchio era um homem, ao menos em parte, diferente dos outros. Mas esta singularidade tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo[...] Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um. (Ginzburg, 1987, p. 27)

A perspectiva da produção de memória sobre o fenômeno imigratório e sobre a experiência da expatriação conduz a um mesmo entendimento, ou seja, que os processos mnemônicos que envolvem a coletividade perpassam e se solidificam nas recordações individuais, vivenciando uma dinâmica de retroalimentação. Dessa forma, a memória comunitária é parte de uma imbricada rede de cruzamentos de percursos pessoais traumáticos que se atravessam, produzindo quadros representativos do imaginário grupal:

O coletivo é sinal da insistência de aspectos traumáticos que determinam comportamentos registrados na memória. [...] A perspectiva de Halbwachs preza a formação da memória comunitária construída mais por afinidades afetivas, por trajetórias repartidas em cumplicidade que envolve a todos do que propriamente nas alterações ou parcelas não representativas do coletivo. (Meihy; Holanda, 2007, p. 52)

Pensando nas pesquisas que envolvem a imigração brasileira na Itália hoje, as quais se dedicam sobremaneira a experiências limítrofes, apresentando na maior parte dos casos discussões sobre a prostituição, em uma representação muito aderente ao estereótipo italiano e europeu sobre a mulher brasileira, a narrativa da entrevistada acaba se constituindo em um contraditório. A imigrante não apresenta o biotipo de brasilidade presente no imaginário coletivo europeu, possui um alto grau de escolaridade e cresceu socialmente partindo de trabalhos domésticos, cuidando de pessoas idosas, até se colocar em próprio, dando vida a um hotel para cães e gatos, além de uma microempresa agrícola.



Poder-se-ia caracterizá-la, observando os aspectos fisionômicos, como parte de uma “imigração invisível”, ou seja, pertencente àquele grupo de pessoas que não demonstra – pelas características físicas – a sua condição de outro. Confrontando com outros grupos de imigrantes latino-americanos, ela não se insere naquele conjunto de indivíduos que, por seus traços indígenas ou africanos, são prontamente identificados como uma alteridade diante da sociedade de acolhida. De fato, e isso está presente em suas narrativas, em diferentes situações de declarado preconceito contra os “extra-comunitários”, a entrevistada é identificada, pelos peninsulares, como não-outro, ou melhor, não é qualificada como parte do “grupo bárbaro invasor”.

Além dessa procura pelo específico, entende-se, como parte integrante desse olhar metodológico sobre o passado, a dimensão de pluralidade que ela oferece para a compreensão das experiências humanas no tempo:

A intenção é claramente anunciada: a abordagem micro-histórica deve permitir enriquecer a análise social, deve complexificá-la para que ela leve em conta os aspectos diferentes, inesperados, multiplicados pela experiência coletiva. (Revel, 1989, p. XIII)

Visto que já se está falando na entrevistada, oferecendo algumas características que a ela pertencem, é importante que se faça uma breve apresentação, permitindo ao leitor conhecê-la e, também, apreender o seu percurso imigratório. Por questões de privacidade, dar-se-á uma sigla como identificação da depoente – VBK – informando que a entrevista integral e os dados de identificação da autora estão depositados no “Áudio-arquivo sobre as migrações entre a Europa e a América Latina” (AREIA), com sede na Universidade de Gênova.

VBK nasceu em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, e emigrou para a Itália – mesmo se a idéia inicial era uma viagem de turismo – em 1986, tendo formação da área de Educação Artística, disciplina que lecionava como professora do estado, até a decisão efetiva de se estabelecer na Península Itálica. Pode-se falar em dois processos distintos de partida, pois em um primeiro momento VBK – acompanhando uma amiga que iria fazer um curso de especialização – vai conhecer a Itália, entrando em licença junto ao magistério público estadual, em um segundo momento, depois do retorno e de tentativas frustradas de manutenção do vínculo empregatício, ela decide abandonar tudo e parte novamente, agora com a convicção de um não-retorno: “lo allora decido di partire, e abbandono il lavoro e parto. Allora con una idea più di stabilire, di avere la mia casa, di

avere il mio spazio” (VBK, 2004, p. 01)<sup>2</sup>.

Neste segundo momento, aproximadamente dois anos e meio depois da primeira viagem, tem-se a partida efetiva de VBK, a sua decisão de estabelecer-se efetivamente na Itália; no entanto, observando a totalidade do processo, ela já se encontra em plena viagem, pois desde aquela primeira partida ela está vivendo essa dinâmica de deslocamento intersubjetivo. Além disso, como se dizia anteriormente, essa decisão traz consigo um despimento, um abandono, e a depoente deve deixar o emprego – pedir sua exoneração – mas também deve deixar amigos, família, enfim, os afetos que a vinculam a essa comunidade-pólis, para – mesmo tendo tido uma experiência pregressa na Europa – mergulhar no desconhecido.

A depoente retorna à Itália já casada com um italiano, pois, no período de sua primeira viagem, tinha entretido relação com um seu professor de Yoga e, por ter obtido informações de que poderia solicitar uma licença por tempo indeterminado, caso tivesse que acompanhar o marido no exterior, quando estava no Brasil, decidiu proceder ao casamento por procuração. Infelizmente, veio a saber – quando encaminhou os papéis para pedir o afastamento sem perda de vínculo – que esse tipo de permissão era dada apenas para seguir o cônjuge funcionário público, o que não era o caso de seu marido.

De qualquer forma, esta nova realidade social – o que de uma certa forma legaliza sua situação formal/civil na Itália – não altera o percurso de seu processo de integração efetiva na pólis, iniciada quando da primeira viagem. Dito de outra maneira, VBK dá continuidade a seu processo de integração, de busca do conhecimento do outro, a começar pela língua – porta de entrada na comunidade – como disse ela, pouco a pouco, um vocábulo por dia.

Esse segundo momento trará também consigo o início da busca de uma radicação, quando o casal começa a procurar uma casa para alugar ou comprar, para que possam deixar o quarto onde moravam. Conquistar uma casa – independentemente da forma de acesso – significa aprofundar raízes na comunidade, inaugurar uma nova fase de construção de um lar, ou seja, criar vínculos afetivos que acabam indo além da fisicidade da própria moradia e se estruturam em uma ligação de familiaridade com a

<sup>2</sup> Então eu decidi partir, abandonei o trabalho e parti. Agora com uma idéia mais de me estabelecer, de ter a minha casa, de ter o meu espaço.

comunidade circundante.

O objetivo inicial era a cidade de Florença – destino da primeira viagem de VBK – entretanto, por razões econômicas, as buscas acabam se dilatando para as cidades vizinhas e terminam levando o casal para outra província (Arezzo), na cidade de San Giovanni Valdarno. A aventura italiana da depoente vai ter sua continuidade nesta cidade, vivendo um cotidiano de idas e vindas a Florença – lugar de trabalho, onde ela se dedica a fazer limpeza nas casas, como faxineira – o que permite manter um vínculo com o lugar do encantamento, até o momento de sua mudança para Terranuova Bracciolini, onde possui seu “Hotel para cães e gatos”. É importante destacar que o enamoramento pela cidade de Florença, quando da primeira viagem, foi fator essencial na decisão de retorno à Itália. O retorno a Porto Alegre provocou uma não-adaptação não apenas por causa de um mal-estar no âmbito do trabalho, mas em decorrência de um estranhamento diante da “sua” cidade, a qual já não parecia mais “sua”.

Talvez possa ser encontrado, por detrás deste maravilhamento, a busca de fazer parte integrante e integral desta nova realidade urbana, assim como cultural e social, que era Florença, entendida como microcosmo do processo de assimilação. VBK – ao destacar seu desejo de conhecer e se inserir neste espaço – deixa transparecer uma das necessidades fundamentais daquele que emigra: formar redes, criar vínculos, reconstruir laços. A situação da depoente expressa uma dificuldade inerente a imigração brasileira – a dificuldade na formação de redes no interior do grupo de nacionais; diferentemente de outros grupos nacionais, mesmo latino-americanos, os brasileiros têm uma capacidade menor de articular grupos de apoio e convívio. Assim, o processo de re-estabelecimento de ligações afetivas acaba se dando com a sociedade de acolhida ou com outros grupos de imigrantes que nela estão inseridos.

Essa construção de redes pode funcionar, ainda, como uma estratégia de integração, sobretudo porque termina por envolver em uma maneira especial habitantes historicamente pertencentes ao lugar em que se está vivendo. Em um outro sentido, pode fazer parte também de uma estratégia de mimetismo social, ou seja, em uma situação de confronto com o grupo local o imigrante escolhe “desaparecer” enquanto representante ou parte de uma unidade cultural outra, apresentando-se como um do grupo: transforma seu modo de comportamento, de fala, de relacionar-se. VBK, em diferentes momentos da entrevista, permite entrever essa decisão de conformar-se à sociedade local:

Non ho avuto grandi difficoltà, perché avevo molta voglia di conoscere questo spazio, ero molto aperta. Avevo proprio voglia di inserirmi. Quindi ho cercato sempre di vivere le cose di questo spazio, di questo ambiente, di questa cultura. Ho staccato mentalmente la mia vita di prima, cioè cercavo di conoscere le persone, però non cercavo di avere lo stesso rapporto – avevo capito che lo stesso rapporto non era possibile (VBK, 2004, p. 04)<sup>3</sup>.

Efetivamente, o mimetismo social não se resume apenas a um ato de imitação, de procurar – a partir da observação feita sobre o outro – copiar e produzir uma sua imagem especular. Essa camuflagem parte de uma dimensão inter-relacional, onde se busca perceber, também, como se é representado e percebido pelo outro, para poder simular um não-pertencimento; constitui-se em um processo camaleônico de contante adaptação, criando novos personagens em cada momento de interação:

Bisogna anche percepire, comprendere come l'altro ci vede. Creare, ciò che si imita è conosciuto ma non è mai dato, si adatta alle situazioni, ai rapporti, all'individualità di ogni interazione. (Romania, 2006, p. 07)<sup>4</sup>

VBK dá conta justamente desse processo quando fala de sua vontade/desejo de inserir-se nessa nova realidade, de sua abertura para as coisas do outro, de sua busca de viver as coisas deste espaço e deste ambiente. De uma certa maneira, ela procura oferecer aquilo que a sociedade de acolhida quer receber, procura agir de acordo com os hábitos e com as dinâmicas de relação que norteiam a sua nova vida, pois o esforço era para se separar mentalmente da vida anterior, de um “eu” que a mantinha vinculada àquela identidade impregnada de brasilidade e/ou gauchidade. Nesse sentido, a verosimilhança das representações sociais que o imigrante relaciona aos membros da comunidade na qual ele busca a inserção irá estar diretamente ligada à eficácia das estratégias de mimetismo social. Pode-se dizer que a produção da imagem de um “não-outsider” é fruto de uma grande capacidade de decodificar os sinais e as imagens que estão presentes nas relações sócio-culturais da terra de chegada.

Segundo Romania (2006), o ponto de partida do mimetismo social é marcado por uma percepção que entrecruza benefícios e desvantagens: o que me proporciona – pensando na prática quotidiana – a omissão, a escondedura de uma parte

---

3 Não tive grandes dificuldades, porque tinha muita vontade de conhecer este espaço, eu era muito aberta. Tinha efetivamente o desejo de me inserir. Então, procurei sempre viver as coisas deste espaço, deste ambiente, desta cultura. Me desliguei mentalmente da minha vida de antes, isto é, eu procurava conhecer as pessoas, mas não buscava ter a mesma relação – tinha compreendido que a mesma relação não era possível.

4 É necessário perceber, compreender como o outro nos vê. Criar, aquilo que se imita é conhecido, mas nunca é dado, adapta-se às situações, às relações, à individualidade de cada interação.

de minha identidade. A escolha de representar um papel que não corresponde a sua identidade cultural, mas que busca facilitar a inserção em uma nova sociedade, reflete a necessidade de superar o quadro de estereótipos negativos que funda a percepção que os “nacionais” produziram sobre o seu (do imigrante) grupo nacional.

A entrevista revela essa preocupação da depoente, a qual passou por diferentes momentos em que – denunciando sua origem nacional – foi automaticamente enquadrada em um mosaico fundado em nudez, samba, libertinagem, prostituição, pois – como ela mesmo refere – a lógica era: é brasileira, é puta. Produzir essa mimese social significa, também, fugir desses momentos de tensão e de confronto, no qual o imigrante deve lidar com imagens negativas produzidas na terra de chegada e que são estabelecidas a partir de mitos criados sobre os outros Estados-nacionais e grupos étnicos. Certamente essas idéias-imagens são produzidas a partir de um vínculo com a realidade, ou seja, são as informações divulgadas pelos meios de comunicação que acabam subsidiando a construção do imaginário social deste grupo de italianos médio. Muitos deles não conhecem o Brasil ou – caso conheçam – participaram de viagens turísticas que justamente oferecem “aquilo que o turista quer ver”: uma nação exótica de samba e mulata.

VBK narra uma situação que exemplifica esse olhar preconceituoso que existe sobre a brasileira, mas destaca que não foi o único momento em que vivenciou esse tipo de problemática. De fato, ela busca dar ênfase a mudança que ocorre na relação entre ela e seu interlocutor, a partir do momento em que acontece a identificação como brasileira. De acordo com o seu ponto de vista, é como ter diante de si “Doctor Jekyll e Mister Hyde” e a enunciação de uma única palavra – brasileira – provoca essa mágica e terrível transformação, na qual um indivíduo cordial e educado se converte em um sujeito indiscreto e mal-educado:

Che succedeva così, di razzismo di preconetto, è che tutte le brasiliane sono puttane, questo è una cosa meravigliosa. Te parlavi tutto bene con un italiano, così così, bastava che domandasse da dove sei – brasiliana – ah, cambiava tutto il rapporto. Prima era un rapporto rispettoso, però bastava dire sono brasiliana era la stessa cosa che dire sono puttana, una cosa terribile. Questo si ho vissuto, di parlare a lungo in un treno, con quello che sta lì seduto accanto, di questo, di quello, magari della notizia “si è piovuto”, della giornata, del treno che è in ritardo ecc ecc, tutto tranquillamente, ma dopo di un po’, questo capisce che sei straniera e domanda “da dove sei?” – “del Brasile” – cambia completamente il discorso, cambia completamente il discorso – è una cosa che capita spesso spesso. Diventano invadenti, mal educati qualche volta... è una persona così – educata – un minuto dopo mal educata. Questo è una cosa brutta, brutta, brutta, che io ho vissuto

alcune esperienze, non più di tanto, però mi dava fastidio di vedere il comportamento della persona e che è di regola. Poi parlando anche con altre, così... per me è la stessa cosa. (VBK, 2004, p. 07)<sup>5</sup>

Se a superação do estereótipo, a partir da mimetização, é um processo de elaboração que envolve a observação quotidiana, o (re)conhecimento do outro, para que o imigrante possa confrontar as duas realidades, a depoente apresenta um roteiro bastante eficaz de estruturação de um percurso de aprendizagem. Segundo ela, as relações quotidianas com os habitantes locais, a troca de poucas palavras, seguindo o ritmo das interações do lugar de chegada, vão permitindo – pouco a pouco – um mergulho na nova condição:

Avere l'abitudine di andare a prendere il pane tutti i giorni, che non è una abitudine nostra – brasiliana – fare questo, se c'è pane, non si va a prendere il pane di nuovo. Quindi lì si trovavano delle persone le quali io vedevo tutti i giorni e poi va a fare la spesa in un altro posto e poi fa questo, cioè facendo delle cose con le quale piano piano te ti inserisce di una maniera sottile. Trovavo delle persone tutti i giorni, saluti, poi succede di dire una frase in più e piano piano si inizia un rapporto. (VBK, 2004, p. 04)<sup>6</sup>

I miei interessi sono ancora i miei interessi, ma individuali, non condivido con gli altri. Con gli altri condivido quello di loro. (VBK, 2004, p. 05)<sup>7</sup>

A própria entrevista, e o leitor já deve ter se dado conta, é uma demonstração de que a estratégia de mimetismo social tem funcionado muito bem na elaboração identitária de VBK, visto que a língua utilizada por essa brasileira foi a italiana. A escolha da língua que seria utilizada na conversa (português ou italiano) era feita pelo depoente e VBK preferiu conceder a entrevista em italiano, pois se sentia mais a vontade no uso das palavras. Pensando a língua como um elemento base no processo identitário, inclusive na fundação de uma identidade nacional, a perda da fluência ou da capacidade

---

5 O acontecia, então, de racismo, de preconceito é que todas as brasileiras são putas, isto é maravilhoso.. Tu falavas com um italiano e tudo bem, sobre isso, aquilo, bastava que te perguntasse “de onde tu és?” – brasileira – ah, mudava toda a relação. Antes era uma relação respeitosa, mas bastava dizer “sou brasileira” era a mesma coisa que dizer sou uma puta, uma coisa terrível. Isso sim eu vivi, de falar por um longo tempo no trem, com aquele que está ali, sentado ao lado, disto, daquilo, da notícia, se choveu, da jornada, do trem que estava atrasado, etc, etc, tudo tranquilamente, mas depois de um pouco, este entende que tu és estrangeiras e pergunta “de onde tu és?” – “do Brasil” – muda completamente a conversa, muda completamente a conversa – é uma coisa que acontece com muita frequência, muita frequência. Se tornam metidos, algumas vezes mal educados... é uma pessoa assim – educada – um minuto depois, mal educada. Isso é uma coisa feia, feia, feia, que eu tive algumas experiências, não tantíssimas, mas me incomodava ver o comportamento da pessoa e que é muito usual. Depois, falando também com outras pessoas, assim... para mim é a mesma coisa.

6 Ter o hábito de ir pegar o pão todos os dias, que não é um costume nosso, brasileiro, fazer isso; se tem pão, não se vai pegar o pão novo. Então, ali se encontram pessoas, as quais eu via todos os dias e, depois, se vai fazer as compras em um outro lugar e, depois, faz isso, isto é, fazendo as coisas com as quais pouco a pouco tu te inseres de uma maneira sutil. Eu encontrava pessoas todos os dias, saudas, depois acontece de dizer uma frase a mais e, pouco a pouco, tem início uma relação.

7 Os meus interesses são ainda os meus interesses, mas individuais, não divido com os outros. Como os outros eu divido aqueles deles.

de produção de uma fala estruturada na língua materna é sinal de dissociação, de ruptura com uma determinada percepção de si mesmo e um mergulho em uma identidade outra.

No que se refere ainda à língua, ou a passagem do português a uma posição de segunda língua, VBK comenta que é algo que não acontece somente na Itália, mesmo no Brasil, muitas vezes, tem dificuldades em se comunicar e basta uma palavra que se assemelhe ao italiano para transportá-la do idioma de Camões para aquele de Dante. Ela assevera que a língua portuguesa não foi perdida, ela está presente em sua memória, mas recuperá-la exige um esforço muito grande e isso para ela é sinal de que houve um importante processo de inserção no novo meio:

Quindi ora, perché quando ritorno in Brasile c'è questa esperienza bruttissima che nessuno mi capisce.. e io parlo in portoghese e nessuno mi capisce. È difficile reintegrarmi poi in questo linguaggio, ma non è dimenticato. Ogni tanto leggo, ogni tanto parlo con qualche d'uno, però ho grande difficoltà, perché mi sono inserita così bene che basta una parola d'italiano per distogliermi del linguaggio che sto parlando. (VBK, 2004, p. 06)<sup>8</sup>

No entanto, não é apenas a língua que cria estranhamento no retorno de VBK ao Brasil, ou melhor, a Porto Alegre, existe um outro desencontro, um outro elemento que cria uma sensação de estranhamento e de perda, que faz com que ela não consiga mais perceber a “sua” pólis como “sua”. A inexorável passagem do tempo, como diria Marcel Proust, que tudo destrói, que tudo arrasta consigo, acaba apagando os lugares de memória e de identificação da depoente, a qual – nos momentos de retorno – não reconhece aqueles espaços como seus, como parte de seu percurso de vida:

Io sono rimasta qui per due anni, poi quando sono tornata, non riconoscevo più la mia strada, dove avevo la mia casa. Avevano buttato giù mezza strada, fatto palazzoni nuovi, sono rimasta un po' così. (VBK, 2004, p. 08)<sup>9</sup>

Como se pode perceber – mesmo com todos os esforços empreendidos pela depoente, no sentido de buscar fazer parte dessa nova sociedade, de integrar-se ao grupo local – VBK encontra-se ainda em uma constante luta para não ser o outro, o que permite entender que ela o continua sendo. Se o mimetismo social funciona enquanto uma maneira de mostrar-se como parte do grupo de italianos, e a tipologia de “imigração

---

8 Então, quando eu volto para o Brasil acontece essa experiência horrível que ninguém me entende... e eu falo em português e ninguém me entende. É difícil reintegrar-me, então, nesta linguagem, mas não foi esquecida. A cada tanto eu leio, a cada tanto falo com alguém, mas tenho grande dificuldade, porque me inseri tão bem que basta uma palavra em italiano para tirar-me da linguagem que estou falando.

9 Eu permaneci aqui [na Itália] por dois anos, então, quando voltei, não reconhecia mais a minha rua, onde eu tinha a minha casa. Tinham colocado abaixo metade da rua, feito edifícios enormes, fiquei um pouco assim.

invisível” colabora para isso, a sua eficácia está vinculada ao grau de profundidade de uma determinada relação, à complexidade do discurso, à capacidade de observação do interlocutor. Nesse sentido, mesmo falando um ótimo italiano, uma conversa de média duração permite a um nativo perceber que não está diante de um compatriota e – neste momento – a pergunta demonizada por VBK é enunciada: “de onde tu és?”. Ao mesmo tempo, este processo de emulação do outro conduz a uma progressiva perda da identificação com a terra de partida, levando ao sentimento de estrangeiro em casa sua, sobretudo a partir da perda do idioma pátrio.

O processo de imigração acaba produzindo uma contínua perda de uma identidade cultural e nacional, o que não significa a total inserção naquela da comunidade da terra de chegada. Mesmo mantendo os direitos civis e políticos da terra de partida e adquirindo esses direitos na sociedade de acolhida, o imigrante não se vê reconhecido dentro desta nova realidade, não é percebido como parte do “nós”, mas continua pertencendo à categoria dos “outros”. O processo de mimetização pode atenuar o confronto em relações mais preconceituosas, declaradas ou dissimuladas, mas não garante a plena identificação como parte do grupo de italianos, pensando ao caso deste *paper*. Ao fim e ao cabo, encontra-se um indivíduo que vivenciou um forte processo de desenraizamento, mas que não está experimentando uma dinâmica igualmente profunda de reconhecimento no “novo lar”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDUZI, Luis Fernando. ***Mal di paese: as reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D’Eu (1884-1925)***. Porto Alegre: PPGHist./UFRGS, 2004. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. “Procura-se uma identidade: análise de um percurso de reconhecimento”. **Agenda Social**. Revista do Programa de Políticas Sociais. Campos dos Goytacazes, UENF, v.1, n.2, maio-agosto/2007. (p.1-19).

BONIFAZI, Corrado. *L’immigrazione straniera in Italia*. Bolonha: Il Mulino, 2007.

GINZBURG, Carlo. ***O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição***. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALL, Stuart. ***Da diáspora: identidades e mediações culturais***. Belo Horizonte: UFMG, 2003.



HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

LEED, Eric. **La mente del viajero**. Dall'odissea al turismo globale. Bolonha: Il Mulino, 1992.

MEIHY, José Carlos; HOLANDA, Faíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Esta História que chama Micro". In: GUAZZELLI, Cesar Augusto et al. (org.). **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

PORTELLI, Alessandro. **Storie Orali**. Racconto, immaginazione, dialogo. Roma: Donzelli editore, 2007.

ROMANIA, Vincenzo. **Farsi passare per italiani**. Strategie di mimetismo sociale. Roma: Carocci, 2006.

REVEL, Jacques. "L'Histoire au Ras du Sol". In: LEVI, Giovanni. **Le Pouvoir ao Village**. Paris: Gallimard, 1989.

SIQUEIRA, Sueli. "O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA". **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Número 7 - 2007, mis en ligne le 7 juin 2007, référence du 26 juillet 2007, disponible sur: <http://nuevomundo.revues.org/document5973.html>.

VBK. **Entrevista realizada no dia 16 de novembro de 2004**, em Terranuova Bracciolini (Arezzo). Conservada no Áudio-arquivo sobre as migrações entre a Europa e a América Latina, Gênova.